



Sociedade e Socialização: revisão conceitual à luz do Paradigma Ontopsicológico

Rosane Maria Neves ¹

Resumo: Esta segunda “Pequena Tese” é continuidade ao estudo teórico sobre identidade e valores do Humanismo Perene – vida ativa, socialidade, liberdade e dignidade do homem – discutidos no texto da primeira Pequena Tese, explorando agora a socialização positiva como tema central da sociedade saudável. A motivação da pesquisa está apoiada sobre a atividade profissional da pesquisadora e a necessidade de atingir a realização, possibilitada pela ampliação e compreensão dos modos de ver o mundo na interação docente com seus estudantes. Fundamental importância é dada ao entendimento sobre a sociedade e seus elementos agentes – nós, que agimos com pouca consciência sobre a responsabilidade e reciprocidade nos efeitos daquilo que percebemos como desorientação ou falta de sanidade no meio. A partir dos operadores sociais, em exatidão de consciência e satisfação por realização pessoal na existência, é que se poderá vislumbrar a recuperação da sanidade social e a perenidade do ser humano neste planeta.

Palavras-chave: sociologia; sociedade; socialização; Paradigma Ontopsicológico.

Society and Socialization: conceptual review under Paradigma Ontopsychological

Abstract: This second “Small Thesis” is continuing the theoretical study of identity and values of the perennial humanism - active life, sociality, freedom and dignity - discussed in the previous thesis, now exploring the positive socialization as central theme of healthy society. The motivation of the research is supported on the professional activity of the researcher and the need to achieve achievement, made possible by the expansion and understanding of the ways of seeing the world in teacher interaction with students. Fundamental importance is given to the understanding of society and its elements agents - we who act with little awareness of the responsibility and reciprocity on the effects of what we perceive as disorientation or lack of sanity in the middle. From the social operators, accuracy of awareness and satisfaction for personal fulfillment in existence, it will be possible to glimpse the recovery of social sanity and sustainability of the human being on this planet.

Keywords: sociology; society; socialization; Paradigma Ontopsychological.

¹ Educadora, professora universitária, estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Primeira Turma, Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: rosanemaria7@gmail.com

1 Introdução

A Sociologia preponderante tem se mantido no estudo descritivo e interpretativo de fatos sociais que incluem minorias étnicas, de gênero, massas envolvidas em questões esportivas, culturais ou religiosas, e outras, servindo de pura fonte de informações para os produtores industriais e/ou serviços em grande escala. Isso vem alimentando instituições para a própria perpetuidade sem propostas evolutivas à convivência em sociedade humana. Uma revisão iniciada sobre os clássicos deixaria transparecer a dificuldade de interpretação e conciliação, na busca de posicionamento contextualizado, por parte de pesquisadores críticos.

A história a que se tem acesso, escrita pelos ‘vencedores’ a cada período, nos tem mostrado uma dualidade permanente entre os seus ‘sócios’, que se agrupam em extremos opostos como ‘oprimidos e opressores’, onde se modificam as nomenclaturas e se mantém a díade entre ‘dependentes e provedores’, sem constituir-se em evolução de sentido e responsabilidade para ambos os lados, que estaria embasada em suas capacidades naturais e desenvolvidas, aplicada a projeto válido. Uma sociedade civilizada, constituída de homens e projetos, tem registros e espaços de aparição permeados por longos períodos de lutas, justificadas pela economia de sobrevivência, na sua maioria. É preciso compreender a verdade do ser humano e sua tipologia como ser social, a fim de elevar a convivência a um patamar de civilidade respeitável, útil e funcional para os indivíduos e possível no seu coletivo.

A socialidade pede concórdia entre os diversos, embora se mantenham as divergências de entendimento e as visões de mundo sejam múltiplas. Os estudos acessados têm documentado que somente estudar os fatos, como efeitos póstumos de causas perdidas, não se chegará a uma solução mediada e ampliada. São convergentes os argumentos de Antonio Meneghetti (1936-2013) em defesa do diálogo, da complexidade natural que perpassa o tecido social, da função da linguagem, da capacidade necessária ao empreendimento, do recurso da lógica e racionalidade na caminhada para a realidade, etc. Sociedade e indivíduos são partícipes de um todo inseparável e em contínua mutação, seja no sentido de crescimento e evolução ou o contrário – regressão.

Percebe-se otimismo e seriedade nos argumentos de Julián Marías (1914-2005), Raymond Aron (1905-1983), Anthony Giddens (1938 -), Theodor W. Adorno (1903-1969) etc., e, proposta resolutiva pela Ontopsicologia com o critério de exatidão do operador social, aplicado a cada contexto. Considera-se esta segunda “Pequena Tese” apenas como um primeiro passo dado na direção de um longo estudo que a atualização profissional saudável

demonstra requerer. Como objeto de estudo definiu-se o entendimento conceitual sobre os agentes e suas relações em sociedade, no intuito de definir socialização positiva.

O problema de pesquisa se originou da falta de domínio e conhecimento sobre os fundamentos que embasam a sociedade em transição, e a necessidade de retomada/revisão de clássicos, para uma compreensão ampliada sobre os aspectos sociológicos – fatos e atos educativos que levou à pergunta: como colher a realidade nas interações sociais que possibilitem uma relação dialógica nutritiva para uma saudável socialização?

Manteve-se como objetivo geral nesta pesquisa buscar melhor entendimento sobre conceitos, fatos e atos de socialização positiva na contemporaneidade. E, como objetivos específicos, definiu-se: a) compreender elementos da Sociologia enquanto ‘Ciência Social’; b) definir sociedade e seus princípios constitutivos; c) apontar conceitos e/ou métodos facilitadores da socialização.

A relevância científica e social do estudo se justifica por estarmos vivendo um tempo de transição em nossa civilização percebida como ‘desorientação social’, ocasionada pelo surgimento de situações parcialmente documentadas nas últimas décadas de estudos sociais, em sua maioria impulsionadas pelas facilidades tecnológicas digitais e midiáticas em uso crescente e indiscriminado, que tem levado ao abalo da sanidade nas relações entre indivíduo e instituições outrora moderadas.

A relação indivíduo-sociedade é tema complexo, tratado por Antonio Meneghetti (1936-2013) em sua larga produção científica, que possibilita entendimento e melhor posicionamento nesta relação, a fim de poder decidir e agir, “com inteligente egoísmo e senso de responsabilidade pessoal e social”, argumenta o autor em *Sistema e Personalidade* (MENEGETTI, 1994, p.6)

Constata-se até o presente que o estudo da Sociologia, embora surgido e mantido no meio econômico, leva inevitavelmente a dois possíveis caminhos, ou vocações: Ciência e Política. Cientista contemporâneo assim expressou sua preocupação, em *Economia, Política e Sociedade Hoje*:

Atualmente estamos caindo em um racismo às avessas: começamos a ter medodos pobres, dos frustrados, dos ignorantes, de todos aqueles que são falidos, e os inteligentes se deixam inquirar progressivamente. Está se corrompendo o direito ao melhor, e isso é um mal enorme, porque – se a sociedade se priva de inteligências superiores – quem proverá aos infelizes e incapazes? É sempre a inteligência superior a ser capaz de prover a todos, não o contrário (MENEGETTI, 2004, p. 12).

Após introduzida a temática no primeiro item deste trabalho, reservou-se o segundo item para a apresentação da metodologia empregada. O referencial teórico se reúne no item

subsequente, no qual se concentrou atenção sobre a compreensão da Sociologia, enquanto ciência social, buscou-se reconhecimento sobre o entendimento de sociedade, e identificou-se alguns aspectos que caracterizam a socialização. No quarto item trata-se das discussões e resultados, enquanto considerações finais e conclusões se apresentam no sexto capítulo.

2 Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza por ser do tipo bibliográfica, pois atende ao interesse e necessidade, momento em que se trabalha sobre a segunda “Pequena Tese (Tesina)”, como proposta de conclusão ao segundo módulo do curso “Bacharelado em Ontopsicologia”, realizado no período de novembro a julho de 2016 na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

Pesquisa bibliográfica de acordo com Laville e Dionne (1999), é metodologia exploratória, que busca conhecimento em livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. O objetivo é conhecer e analisar as contribuições teóricas existentes para responder a um determinado problema de pesquisa. Consiste no estudo sistematizado desenvolvido a partir de material publicado em livros e artigos científicos, cujo conteúdo constitui seu material de estudo. Produz instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode se esgotar por si mesma.

Objeto de estudo neste caso, a socialidade, é a “realidade a respeito da qual se deseja saber alguma coisa. É o universo de referência”, conforme Salvador (1980 *apud* MARCONI, 1992, p. 45). O interesse inicial do próprio pesquisador, como operador social – docente, busca compreender melhor os conceitos que sustentam a “socialidade” que, poderão se converter em trabalho empírico, no sentido de conhecer os atos e fatos educativos que poderiam levar a uma socialização positiva. O objeto de estudo é o tema propriamente dito que “corresponde àquilo que se deseja saber ou realizar a respeito do sujeito”.

Pesquisa bibliográfica de acordo com Laville e Dionne (1999), é metodologia exploratória, que busca conhecimento em livros, revistas científicas, publicações avulsas e imprensa escrita. O objetivo é conhecer e analisar as contribuições teóricas existentes para responder a um determinado problema de pesquisa. Consiste no estudo sistematizado desenvolvido a partir de material publicado em livros e artigos científicos, cujo conteúdo constitui seu material de estudo. Produz instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode se esgotar por si mesma.

De acordo com Manzo (1971 *apud* MARCONI e LAKATOS, 1992, p. 44), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente”.

As referências em uso nesta pesquisa foram selecionadas em função de diversas situações, como limitação de leitura na fonte original que seriam as línguas italiana e espanhola, recorreu-se as obras traduzidas para a língua portuguesa.

3 Fundamentação Teórica

O tratamento ao entendimento sobre Sociologia está apoiado basicamente na autoria de Adorno (2008), como segue.

3.1 Sociologia

De acordo com Adorno (2008) na obra *Introdução à Sociologia*, a Sociologia é uma ciência marcada pelo empenho em descobrir na sociedade o que nela é essencial. Ou seja, buscar o que objetivamente dá sentido aos fenômenos observáveis: a essência como contrapartida necessária das aparências (...). Essa “essência” diz respeito aos grandes processos internos à própria sociedade e às tendências que eles imprimem nela (ADORNO, 2008, p. 23).

O interesse mais fundo da Sociologia, segundo Adorno (2008, p. 24), está voltado para questões essenciais em uma acepção muito precisa. Trata-se daquelas dotadas de “significado essencial para a sobrevivência e para a liberdade da espécie humana”. Adiciona ao “princípio da sobrevivência o que permite converter a mera vida em vida digna de ser vivida (...) como meta prática última do conhecimento social” (ADORNO, 2008, p. 25).

O autor concebe a tarefa do sociólogo como a de estar atento ao que se pode perguntar de relevante à sociedade em uma perspectiva muito singular: a indagação se concentra naquilo que ela se apresenta mais próxima a nós, em vez de no mais distante e abstrato. Para Adorno (2008, p. 29), a Sociologia não se dirige a conceitos de homens e grupos sociais: sua referência são os seres humanos concretos. (...) sem a referência a sujeitos não é possível obter um conceito aceitável de sociedade, afirma Adorno (2008, p. 31).

O autor ainda argumenta que a Sociologia “só afastaria o risco de se esterilizar ao elaborar de modo consequente e criativo sua condição de ciência impura, intimamente

mesclada a outras” (ADORNO, 2008, p. 33). Para ele, a Sociologia é a “ciência da sociedade que não hesita em perturbar o severo rigor do método com os ruídos da crítica, do entrelaçamento com outras ciências e das exigências normativas” (ADORNO, 2008, p. 34).

De acordo com Adorno (2008, p. 45), a Sociologia tem essencialmente o papel de um estudo formativo. Encontra-se por trás disso a necessidade de se orientar no mundo, de apreender o que mantém unida essa sociedade particular, apesar de suas peculiaridades; de apreender a lei que nos rege anonimamente.

Adorno (2008, p. 49) sugere que não existe uma via régia na Sociologia, pela qual primeiro se aprenderia qual é o objeto da Sociologia, a seguir quais são suas áreas principais, e, enfim, quais são seus respectivos métodos. O autor afirma, mais adiante “...a sociedade em que vivemos constitui o objeto da Sociologia, e é essencialmente contraditória em si mesma” (ADORNO, 2008, p. 53).

Um fato social é definido por Durkheim (*apud* Adorno, 2008, p. 53), como “toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior”; ou ainda, “que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais”.

Comte, visto por Adorno (2008, p. 59) como idealista, esperava que a Sociologia oferecesse uma espécie de orientação para um ordenamento verdadeiro da sociedade. Para Adorno (2008, p. 71) a Sociologia deve ser a compreensão da sociedade, isto é: do que é essencial na sociedade. “Uma das tarefas da Sociologia é fixar certas determinações essenciais, como as classes, que perduram em um sentido decisivo, a saber, o da dependência da maioria dos homens a processos econômicos anônimos e não transparentes” (ADORNO, 2008, p. 91).

Na perspectiva de Adorno (2008, p. 329) “na Sociologia a dimensão da interpretação consiste essencialmente em que a história se encontra armazenada nos fenômenos que aparentemente se encontram parados, que aparentemente são um dado e até mesmo algo de momentâneo”. O autor afirma que existe efetivamente na Sociologia predominante uma tendência muito forte de eliminar a dimensão histórica. E professa: “a Sociologia precisa ter conhecimento da direção pretendida por esse todo para, a partir daí, inferir se e como eventualmente se pode interferir nessa tendência” (ADORNO, 2008, p. 336).

3.2 Sociedade

Na introdução da obra *A economia das trocas simbólicas*, Sérgio Miceli Apud Bourdieu (2011, XXI), argumenta que “a sociedade é definida como um sistema de relações onde cada elemento traz uma contribuição para o todo”. De acordo com o autor “todos os fenômenos sociais são, em algum grau, obra da vontade coletiva e, quem diz vontade humana, diz escolha entre diferentes opções possíveis”. O domínio do social é o domínio da modalidade (...) tudo tem uma forma ao mesmo tempo comum a grandes números de homens e por eles escolhida dentre outras formas possíveis” (MAUSS *apud* BOURDIEU, 2011, XXIV).

Em *Etapas do Pensamento Sociológico* Aron argumenta que “qualquer que seja a estrutura da sociedade numa certa época, é sempre possível pensar como Montesquieu, isto é, analisar a forma própria da heterogeneidade de uma determinada sociedade; procurando, pelo equilíbrio dos poderes em confronto, a garantia da moderação e da liberdade” (ARON, 2008, p. 59).

Comte colhe em Condorcet a ideia de que o progresso do espírito humano é o fundamento do devenir das sociedades humanas. Concepção central de Comte, conforme Aron (2008): “os fenômenos sociais estão sujeitos a um determinismo rigoroso que se apresenta sob a forma de um devenir inevitável das sociedades humanas, comandado pelos progressos do espírito humano” (ARON, 2008, p. 109).

De acordo com Aron (2008, p. 117), é a inteligência que indica a direção da história e marca o que será o pleno desenvolvimento da sociedade e da natureza humana na sua fase final. Como mediadora, nos argumentos de Adorno em *Introdução à Sociologia*:

“a sociedade não se esgota nem na referência universal abstrata (a humanidade sem mais), nem no singular igualmente abstrato (o indivíduo sem mais). Ambos os polos se comunicam nela, vibram na dinâmica que lhe é própria, entre a realização efetiva de um e de outro” (ADORNO, 2008, p. 32).

Como organização das atividades humanas, a sociedade é dominada pela força. E, a força, na sociedade, “é constituída pelo número ou pela riqueza” (HOBBS *apud* ARON, 2008, p. 133). A vida social de acordo com Montesquieu (*apud* ARON, 2008, p. 135), não é possível sem que alguns indivíduos comandem e os outros obedeçam.

Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, ao contrário, é sua existência social que determina a sua consciência. Marx (*apud* ARON (2008, p. 200) afirma que “...a sociedade, como objeto da Sociologia, é um processo funcional e vital e não

um mero conceito descritivo. (...) A sociedade em si é necessariamente dinâmica por força da lei que lhe é própria” (ADORNO, 2008, p. 336).

Na obra *O pensamento vivo de Confúcio* argumenta-se que [...] o único fim do Estado é a promoção do bem-estar do povo de acordo com as regras do Céu (DOEBLIN, 1965, p. 26). E para Meneghetti a palavra “estado” é o resultado de um processo social que, no fim, se concretiza como o corpo do poder, o orgânico físico do poder, que todos devem aceitar e respeitar. É necessário contextualizar a cada tempo a filosofia que consente maior espaço de realização na existência, sem fazer revoluções infantis e compensativas no social.

Para Confúcio “[...]o homem é bom por natureza, é tolice ameaçá-lo com castigo. O castigo não melhora o povo. As leis devem ser rígidas, mas devem educar e ajudar a distinguir o que é bom do que é mau” (DOEBLIN, 1965, p. 27). O indivíduo deve tratar de utilizar a luz da razão e penetrar a natureza das coisas. Deve-se fazer todo o possível para conseguir uma cultura pessoal, melhorar sua família e o círculo de suas amizades, tomando assim parte ativa na construção de uma ordem universal. Confúcio prepara os homens para viver e desfrutar a vida (DOEBLIN, 1965).

As hipóteses apresentadas para a origem da sociedade, conforme as teorias clássicas, apresentadas por Meneghetti (2007, p.71), sustentam que: 1) a sociedade seja de origem divina; 2) a sociedade seja derivada do direito natural e causada e mediada pela “família”, tribo, território, estado etc.; 3) a sociedade nasce por “redução individual do egoísmo”, cria-se uma sociedade de segurança com vantagem de maior bem-estar (Thomas Hobbes); 4) existe uma passagem de uma situação selvagem para uma posição civil (Jacques Rousseau).

Thomas Hobbes, na afirmativa de Meneghetti em *A crise das democracias contemporâneas*, deve ser retomado “caso se queira entender a sociedade e ajudá-la nos três ramos da ideologia, da economia e da política...” (MENEGHETTI, 2007, p. 20). Para Hobbes, o fundamento da sociedade é a ética do egoísmo. Ele sustenta que a sociedade tenha sido criada para reduzir o egoísmo de cada um e colocá-lo em participação de todos, ou seja, cada um autolimita o próprio direito, em consideração ao fato de que os outros também autolimitam os próprios direitos, criando de tal modo uma harmonia de comum interesse, a fim de que cada um goze de maior segurança em algumas coisas, mesmo que se perca a própria liberdade individual (MENEGHETTI, 2007, p. 21).

Os seres humanos estão sempre juntos de algum modo, e isso é maravilhoso, é a infinita paixão de cada homem que chega um pouco mais alto e quer estar junto aos outros que, porém, estão em um certo sentido mais embaixo, e que ele portanto estimula a fim de que o alcancem, para aumentar a satisfação (MENEGHETTI, 2007, p. 29).

A respeito da origem da sociedade – jurídica, democrática, representativa, de direito etc, - é preciso se remeter aos princípios de Thomas Hobbes, não existem outros para entender as democracias contemporâneas:

...a fim de que qualquer homem não seja lobo de outro (*homo homini lupus*), é melhor fazer um pacto no qual cada um limita o próprio egoísmo, existe uma troca, uma limitação de liberdade, de arbítrio para cada um, mas todos, após terem aberto mão de uma parte do próprio egoísmo e volicionalidade, constroem um ponto soberano a todos, criando o Estado, o resultado, o produto, o estipulado, o confirmado, o legalizado por todos aqueles que se autolimitaram no próprio egoísmo e fizeram uma participação a essa única potestade, autoridade, força. Isso se torna o princípio do justo (MENEGHETTI, 2007, p. 37).

De acordo com Meneghetti (2007, p. 94), “todos os limites individuais são iniciadores de agressividade social”. O autor sugere “por isso, os técnicos da democracia devem se basear na competência sadia para continuar a cotidiana pedagogia social e impor a todos a responsabilidade cívica: eu sou um peso ou ajudo a comunidade da qual faço parte?” Responsabilidade de acordo com o *Dicionário de Ontopsicologia*, a situação psicológica na qual o sujeito é necessitado a responder ou existencialmente ou juridicamente ou moralmente (MENEGHETTI, 2012, p. 239).

Declaração feita em 24 de abril de 2012, ONU/Unesco, destacada em *A Paidéia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti*, afirma: “Uma sociedade constituída por adultos imaturos, frustrados, que compensam as próprias deficiências ocupando os novos nascidos, é uma sociedade que distorce, que causa patologia no processo do Eu, com o qual depois os indivíduos fazem escolhas incongruentes” (CAROTENUTO, 2013, p. 412).

A sociedade, esclarece Meneghetti na obra *Psicologia Empresarial*, significa colocar muitos “unos” juntos. É o conjunto dos cooperadores de um projeto (...). O conceito de “sociedade é o corpo de muitos em uma unidade de sentido, de significado, portanto, muitos relacionados a um uno definido”. Para o autor “...a sociedade implica muitos indivíduos uniformados por um projeto acordado pelos singulares sócios”. Segundo ele, “a unidade social é determinada por um projeto aceito e definido pelos componentes deste corpo social” (MENEGHETTI, 2013, p. 471).

Em *Psicologia Empresarial*, Meneghetti (2013, p. 472) argumenta que “a ação é interação entre identidade e sociedade. (...) Eu ajo a sociedade, a sociedade me age, a relação age a mim e a sociedade e vice-versa etc”. Disto compreende-se que nenhum indivíduo pode amadurecer ou se realizar fora do seu útero – a sociedade.

Filosofia ética, como evidenciado por Meneghetti (1994), em *Sistema e Personalidade*, significa: “qual é o modo de pensar e de agir que consente, na prática, resolver a si próprios no ambiente – o indivíduo no social”. De acordo com o autor “o indivíduo não pode viver sem a conexão social porque, independentemente de como se queira entendê-lo, o social continua sendo o todo permanente no qual se realiza o processo de individuação” (MENEGETTI, 1994, p. 8).

Em *Arte, Sonho e Sociedade*, nos argumentos de Meneghetti (2015, p. 11) “Deve-se estudar e trabalhar, porque é belo, proporciona prazer e dá uma satisfação total no interior de si mesmo: todo grande não pode ser feliz se não souber fazer felizes os outros”. Aqui se percebe o contínuo entendimento dado à exatidão do operador social, na pessoa do líder, que assume o compromisso de melhorar o meio através de seu serviço como única estrada para sua realização e paz. Meneghetti argumenta que “se a sociedade perde os seus cidadãos tranquilos e livres, tudo *desmorona*, porque as pessoas são os tijolos naturais da sociedade civil” (MENEGETTI, 2015, p. 118).

Portanto, a sociedade é um “pacto histórico” que parte dos indivíduos, que antes não votavam. (...) O rei, o único soberano, no fundo era uma necessidade de bem para todos, porque se não tivesse sido ele, cada um teria matado o outro. É o primeiro que compreende o inviolável direito do indivíduo a fazer a administração do próprio território, dos próprios interesses, com os próprios semelhantes (MENEGETTI, 2007, p. 22).

Meneghetti (2007, p. 23) sugere que Marx e Hobbes devem ser considerados na atualização das nossas democracias, pelo fato de que os dois autores expõem a semente elementar do grupo conforme para uma justiça social conforme. “O homem está além, é o homem que conduz todas as ideologias, e nenhuma ideologia pode conduzir os homens”. Além disso afirma o autor que “é preciso se conscientizar porque se pode contribuir de modo qualitativo para saber, a cada vez, como poder amar melhor os outros. É prazeroso conseguir resolver algo para os outros que ainda não alcançaram, é a natureza do homem” (MENEGETTI, 2007, p. 28).

Meneghetti afirma que “a sociedade se “autoconstitui” por meio de processos revolucionários, de guerra, contraposição, luta de classe, competição de diversos interesses ou pontos força em contraste, que no fim se evidenciam como consenso, concordata, aceite das partes majoritárias de um certo lugar, contexto, história, nação etc” (MENEGETTI, 2007, p. 38).

A sociedade é um conseqüente ato de cada indivíduo humano, e cada um põe o outro. Por lógica, prioritário é o indivíduo humano, e cada um põe o outro. Por lógica, prioritário é o

indivíduo, mas não se consegue compreender o indivíduo sem a sociedade, a língua (MENEGETTI, 2007). Disto a importância de se investir na formação para o desenvolvimento e atuação dos líderes operadores sociais.

“A sociedade, os outros homens, são para o indivíduo o natural húmus; depois do nexos ontológico, por meio do Em Si, ela é o nexos existencial com todas as outras individualizações” (CAROTENUTO, 2013, p. 391). A sociedade existe porque o homem é sociável enquanto é uma intencionalidade que se realiza somente se comprometido existencialmente com os outros semelhantes (CAROTENUTO, 2013, p. 392).

O humano é espécie, pessoa e sociedade, conforme *A Paidéia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti*, três são as esferas que constituem uma tríade de um só projeto. A pessoa é mais que o indivíduo, porque implica a consciência e a responsabilidade de escolha, portanto é “bios” e “sociedade” unificadas na ética do ser (CAROTENUTO, 2013). A sociedade, portanto, não é um conjunto de indivíduos, mas o tecido no interior do qual cada célula-homem se especifica, nutre-se, desenvolve-se, afirma-se e se erra, arruína-se e arruína também o tecido social (CAROTENUTO, 2013). É espaço de relações e de oportunidades, absolutamente necessários para que se cumpra a dinâmica fundamental que move o crescimento do indivíduo: o processo de identificação (CAROTENUTO, 2013, p. 394).

Em Meneghetti (2007, p. 40) verifica-se que “o ideal de sociedade seria aquele de criar escopos e instrumentos por meio dos quais os cidadãos possam realizar três coisas: 1) o bem de si mesmos; 2) o bem social, de cooperação, o interesse comum; e 3) o bem ontológico – os cidadãos, no seu mundo interior, podem realizar também o bem ôntico, transcendente, o bem da intencionalidade de natureza (isso seria o sumo)”. No entanto, dado que a sociedade democrática é regida pela igualdade e número, a pessoa não pode depositar sua realização no critério externo, mas deve buscar em si mesmo a parte de contribuição e colaboração no social.

Dentro de uma boa lei social, deveria estar presente esta constante logística: a manutenção de todos os seus componentes, para favorecer a harmonia, o bem-estar de todo o corpo, o conjunto, e escopos qualitativos. Essa seria a sociedade ideal, perfeita, que nunca se teve. Uma justiça social é boa quando não deforma ou patologiza os próprios componentes, e consente e é operativa – através das suas leis – de um bem público, cívico: realiza aqueles fins para os quais a lei foi proposta (MENEGETTI, 2007, p. 40).

3.3 Socialidade

Marías em sua obra intitulada *Tratado sobre a Convivência* faz referência à necessidade da “verdade, do justo e justificado, o direito dos demais, que por acréscimo são quase sempre os outros” (MARÍAS, 2003, p. 47). Afirma tratar-se de “restabelecer a saúde do corpo social, ente que se acha invadido pela doença”.

O referido autor apresenta o “lirismo e a imaginação” como proposta de solução e superação do “prosaísmo”. (...) é preciso tomar posse do que se tem (...) para conseguir o entusiasmo, a esperança, a abertura a um futuro que se vislumbra como algo atraente, no qual se deseja entrar (MARÍAS, 2003, p. 62). Um programa para o século XXI, afirma Marías, poderia ser: a reconciliação do homem com a verdade, e isso seria, evidentemente, a reconciliação do homem consigo mesmo.

Marías (2003, p. 79) se refere ao caráter projetivo da vida. Cada idade é uma fase de projetos, convergentes e articulados num projeto principal – a vida. Há no mundo realidades maravilhosas – pessoas, comportamentos, obras, cidades, paisagens – que provocam a mais profunda alegria, motivada desinteressadamente por sua mera existência, e a atitude adequada é o entusiasmo, que envolve um enriquecimento, uma estranha apropriação de seu valor (MARÍAS, 2003, p. 92).

O homem tem de fazer sua vida, certamente com as coisas, mas tem de afirmar sua realidade, com a tensão criadora que é sua condição e seu destino, evitando que as coisas o desestabilizem e o reduzam ao contrário de sua realidade. Ser homem é um permanente e inseguro esforço de hominização, uma conquista do que se é: pessoa (MARÍAS, 2003, p. 104).

A vida humana é “transitiva”, na percepção de Marías parte de si mesma, de seu centro, mas dispara em várias direções, rumo a pessoas, coisas, assuntos, problemas, metas. O homem sadio, inclusive quando ambicioso, consiste primariamente em seus projetos (MARÍAS, 2003, p. 122-123). O homem vislumbra o horizonte possível, verifica até onde se pode ir, o que se pode fazer, para os próprios e para os outros, com que se pode contribuir se se põe em jogo os recursos que pertencem a cada um (MARÍAS, 2003, p. 183).

A atividade, além da vaidade e inteligência, se divide em três tendências: a virtude, que pressupõe a coragem de empreender; a prudência na execução; e a firmeza na realização, ou perseverança (ARON, 2008, p. 127). Uma das condições essenciais da convivência, se não a maior, é a liberdade, é necessário aceitar essa variedade de atitudes, teses e propósitos e sua expressão (MARÍAS, 2003, p. 202). Requisito básico da liberdade: que não se destrua a concórdia (decisão de viver juntos). A exigência primária da concórdia é a veracidade (MARÍAS, 2003, p. 203). Condição imperativa da convivência é a vontade de não prejudicar.

Outra condição da concórdia e da convivência é a redução da agressividade ao mínimo (MÁRIAS, 2003, p. 204).

De acordo com Marías “a proliferação de “organizações” de todo tipo e o imenso crescimento dos meios de comunicação alteram os processos de mudança e levarão à instabilidade das sociedades de nosso tempo” (ibid., p. 211). O homem não é um animal reativo, que responde aos estímulos; o humano é a condição projetiva, a imaginação, a capacidade de originar ações próprias, que partem da intimidade e tentam realizar-se (MARÍAS, 2003, p. 214).

“A lei da natureza é que se dê a individuação, e que chegue eficientemente à autorrealização” (MENEGETTI, 2010, p. 417). Diferentemente do homem medieval, espiritualista, contido e gregário, o homem moderno, conforme Costa (2005, p. 42), é estimulado a amar a vida, a buscar a satisfação de suas necessidades de forma individual e a cultivar sua subjetividade feita de sentimentos e de pontos de vista pessoais.

No *Manual de Ontopsicologia* Meneghetti é apresentada socialização como sendo “o conjunto dos processos que a individuação executa no interior de si mesmo e em interação com todas as outras individuações” (MENEGETTI, 2010, p. 417). Individuação e socialização não são uma o efeito da outra: na base, o ato é único; depois se especifica em “indivíduo” de uma parte e em “social” de outra.

No homem, diferentemente dos outros animais, percebe-se uso racional da lógica e da criatividade. (...) tão logo o homem se socializa, entra em lógica discursiva, ou seja, assume o “tu”, o outro é uma palavra dialética, competitiva, de tese e antítese, onde ele encontra uma síntese superior. (...) o homem é sociável e não se pode entendê-lo se não se admite que ele é sociável (MENEGETTI, 2007).

O homem é um ente inteligente social (comunidade do ser), animal-vegetal, racional-histórico. O conceito de “sociabilidade” é imanente na individuação do ente homem: somos necessitados – do intrínseco do nosso espírito – a amar e a ser com os outros, porque qualquer outro sou eu. Isto nos deriva do fato que cada um que existe é gerado e partícipe daquele ser geral que colocou todos nós. De acordo com Meneghetti (2007, p. 75), o homem é relação inteligente, “‘sociedade’ significa ‘estado de sócios’, companheiros, amigos, semelhantes: alguém está próximo a mim, está comigo”. É um conjunto, um grupo.

A sociabilidade humana é inata, estrutural, específica do humano enquanto existente por quanto observado neste planeta. O homem parece ser múltiplo, em um certo sentido indefinível, como capacidade de relação, inteligência, linguagem: fala, é comunicante, é mediação de comunicação – recebe a informação e pode aumentá-la, diminuí-la ou modificá-

la. (...) sabe se por contemporaneamente em escuta, mas sabe também ser protagonista de significado, de significância (MENEGETTI, 2007, p. 72).

Tudo no homem é “dialógico”. “A sociedade não é conseqüente à família, às necessidades primárias, à lógica de raça ou espécie: o homem é sociável porque intrinsecamente é uma exceção inteligente plurirelacional para outras inteligências. (MENEGETTI, 2007, p. 73). A sociedade se apresenta como indivíduo, e o indivíduo se expõe como sociedade. O homem procura os outros, quer estar junto, por uma “conveniência”, a ele convém as relações múltiplas, e dentre elas, pode escolher as mais adequadas, vencedoras e gratificantes (MENEGETTI, 2007).

Existe uma “conveniência de alteridade”: o outro não é perigo, cisão, agressão, mas conveniência à própria individualidade. São necessárias muitas experiências e pessoas para desenvolver um homem maduro, não basta uma família: todos são necessários, no que é possível (ibid.).

Dessa conveniência nasceu também uma segurança física e uma segurança metafísica. A segurança física diz respeito “às estradas, ao aquecimento, à comunidade para enfrentar os problemas e ter imediata a solução individual etc”. Em relação à segurança metafísica, Meneghetti argumenta que um ser humano alcança a paz somente quando encontra a resposta aos seus primeiros e últimos *porquês*. Quando encontra “aquele tipo de conhecimento que o tranquiliza, reforça e assegura.

Vantagens, de realização: o homem, uma vez que é indivíduo eficiente, se não é socializado, permanece impossibilitado à realização integral dos seus valores de vontade, moral, inteligência, beleza (MENEGETTI, 2007, p. 77).

“A sociedade nasce para garantir um território de oportunidade e consenso” (MENEGETTI, 2007, p. 78). Aqui entra o conceito de poder “assim como o próprio corpo é o poder histórico sobre o próprio espírito, inteligência, ato pensante, da mesma forma a força física coaduna todo o grupo, todo o número de participantes” (MENEGETTI, 2007, p. 79).

Uma sociedade é salvaguardada na medida em que o homem é verdadeiro a si mesmo, então, qualquer cultura, educação e socialização devem ser feitas sempre na medida do homem. O adulto deve ser maturado como indivíduo social, ou seja, deve conhecer a sociedade e as suas diversas facetas. Por “maturidade” entende-se um pleno ajuste da ordem neurofisiológica com ressonância emocional e psíquica (MENEGETTI, 2010).

O Em Si, o núcleo do inconsciente positivo do homem, aperfeiçoa o indivíduo em egoísmo de saúde, de afeto, de psicologia, de totalidade de si como pessoa, porém há uma abundância enorme que o homem deve gerir em reflexo social, não como ocupação e

comando, mas como serviço, como dinâmica funcional para as diversas exigências. Respondendo a essas exigências, satisfazem-se o egoísmo e a função social. (MENEGETTI, 2004b). O autor propõe a “pedagogia política com finalidade de programar a responsabilização e fazer com que os cidadãos compreendam que devem ser colaboradores se quiserem um grande bem-estar” (MENEGETTI, 2004b, p. 15).

4 Resultados e Discussão

Com o quanto compreendido das buscas, leituras, fichamentos e sínteses foi possível clarear o entendimento sobre a sociologia e a sociedade a partir do método da Ciência Ontopsicológica. A socialidade resta como efeito verificável na sociedade em relativa harmonia de interesses, conforme a ambição e evolução de seus membros - “sócios” em um grande projeto que possibilitaria a realização de indivíduos enquanto contribuintes do bem-estar coletivo.

A desorientação ou falta de sanidade social é percebida por aqueles que compartilham de uma “filosofia ética” e, depositam no excesso de assistencialismo aos que se encontrariam ainda capazes de desenvolvimento em autonomia econômica, social e ideológica. É como se mentes individuais em potencialidade de saúde fossem corrompidas pelas facilidades do estar doente, que levaria a uma maior proteção social por parte do sistema estatal.

Constata-se que o ser humano é intrinsecamente um ser social, não por ter sido originário de tribos ou famílias, mas por necessidade de natureza busca o agrupamento a fim de melhor atender suas expectativas de resposta às suas potencialidades. Dá satisfação ao indivíduo a sua utilidade e funcionalidade no coletivo.

Dentre as fontes de origem da sociedade, apresentadas nesse estudo, a que traz maior correspondência com o entendimento proposto pela Ontopsicologia é a visão de Thomas Hobbes, pois segundo ele, esta é constituída do acordo construído entre seus sócios, quando abrem mão de doses de sua ambição em prol de segurança possível oferecida pelo grupo. A sociedade se apresenta como seio possível de nutrição ao indivíduo. Sem ela também ele não existiria, seja em alegria que em angústia, pois seu projeto originário a ser empreendido depende da relação que se mantém e desenvolve nessa.

Foi possível reconhecer a complexidade que permeia o tecido social, que para sua construção pede língua e diálogo. O diálogo é possível a partir da inteligência e consciência ou reconhecimento das próprias necessidades e interesse das partes. Ao final entende-se que somente a ciência é acesso à harmonia e plenitude daqueles que nascem com maior potência e

trazem em si maior tensão de realização. Depois, esta consciência exata do operador social seria investida em maior bem-estar ao coletivo, seja na economia como na política.

Caminha-se na direção de solução, vislumbrada ou sonhada por tantos grandes pesquisadores antes de Meneghetti (1936-2013), dada pelas descobertas do autor que permitem uma tomada de consciência e utilização responsável de todo o potencial inconsciente daqueles humanos que denomina “líderes”. Ao líder cabe o empreendimento de si mesmo rumo à própria vocação em resposta no social.

Constata-se como saída de sanidade a via do empreendedorismo, pessoal e também social, onde o sujeito se desafia continuamente em resposta ao sucesso buscado. O sistema atual, em ambientes organizacionais agigantados, funciona, na grande maioria das vezes, como impedimento à realização dos indivíduos como seres do ser, permanecendo em promessa de realização pelo ter.

A dualidade entre os sócios, como dependentes e provedores, e sua escolha e investimento, faz permanecer a visão de classes tão referenciada nos estudos sociológicos clássicos. Os estudos de sociologia seguiram após os clássicos, principalmente na Europa. O impedimento de acesso é dado principalmente pela dificuldade de linguagem que vem se reduzindo à hegemonia do inglês, como segunda língua. Timidamente se inicia uma busca de novos autores como suporte e saída aos limites impostos pelos meios anteriores disponíveis.

5 Considerações Finais

As visões de mundo são múltiplas e acredita-se na possibilidade de concórdia entre os diversos. A solução viria da perspectiva de “projeto” e de “liderança”, que vai muito além de ganho, sobrevivência ou segurança. O ser humano é um ser de ação e com possibilidade de evolução para realização pessoal e contribuição social. Um trabalho a ser feito sobre escolhas e investimentos individuais e sobre a vontade coletiva.

A sociedade se modifica a partir da movimentação e mudança dos seus indivíduos, quando decidem por uso voluntário do intelecto e treino árduo das próprias habilidades natas. A tecnologia continua sendo um facilitador às ações humanas. No entanto, seu uso indiscriminado tem gerado mais dependência que autonomia evolutiva, impedindo diálogos e atrofiando linguagens.

Para Vidor na obra *A Epistemologia interdisciplinar: O Homem e seu Conhecimento* (sem ano) lê-se: “um organismo social só será adequado se tiver como critério de ordem uma bússola racional consciente que reflita a informação integral, dada pelo próprio organizmico.

Só uma consciência individual exata pode ser bússola para a ordem social” (VIDOR, s/a, p. 92). Verificamos que a responsabilidade moral de um indivíduo em administrar a própria vida de modo a resguardá-la em sanidade é o único caminho para garantir uma sociedade sadia.

A ética individual sempre serve de base à ética social. É necessário levar maior número de indivíduos à própria maturidade e realização, e diminuir a massa de frustrados que, atacando o líder, impedem a socialidade funcional nos tempos modernos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CAROTENUTO, M. **A Paidéia Ôntica: dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- COSTA, M. C. C. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- DOEBLIN, A. **O pensamento vivo de Confúcio**. São Paulo: Martins, 1965.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- HABERMAS, J. **O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?** 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- MARÍAS, J. **Tratado sobre a convivência: concórdia sem acordo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. Porto Alegre: ABO, 1994 .
- MENEGHETTI, A. **Sistema e personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004a.
- MENEGHETTI, A. **Economia, política e sociedade hoje**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004b.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, A. **A crise das democracias contemporâneas**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, A. **Direito, Consciência, Sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicologica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Arte, sonho e sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MEKSENAS, P. **Sociedade, Filosofia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VIDOR, A. **A Epistemologia Interdisciplinar: O Homem e seu Conhecimento**. Santa Maria: UFSM/Editora Pallotti, s/a.

VIDOR, A.; SEIBERT, V. A. (Orgs.). **Natureza Humana e Educação**. Frederico Westphalen: Editora da URI, 1998.

VIDOR, A. **Filosofia Elementar**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2009.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. 23. ed. São Paulo: Editora Cultrix, s/a.